



Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário • 31 de Dezembro de 1988 • Ano XLV — N.º 1169 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANIVERSÁRIO

«**H**Á muito que me doía o coração de não poder comprar uma quinta que fosse deles, para eles, governada e amparada por eles... A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos na primeira semana de Janeiro de mil novecentos e quarenta.»

Passaram 49 anos. Estas linhas, saídas da pena de Pai Américo, falam das dores do parto da Obra da Rua. Qual grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, assim a Obra da Rua, semeada no coração de Pai Américo. Nasceu pobre e humilde, com a força e o poder que não vêm da carne nem do sangue, mas da Fé e do Amor ao Pobre.

«**Sem dinheiro, sem influência, sem nome, sem prestígio; destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias — eu realizei eficazmente os meus desejos que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas.**»

No aniversário da Obra da Rua, faz-nos bem regressar à Fonte. É que, ao longo do caminho, o cansaço, o desânimo, as dores e feridas podem roubar a energia e desfazer a Esperança. Na Fonte encontramos o sinal da Cruz — certeza de que semear em campo de lágrimas, é colher em jardins de alegria.

Ontem, visitou-nos um numeroso grupo de jovens duma paróquia da cidade do Porto. Trouxeram consigo os animadores e o sacerdote. Cinco cicerones, de palmo e meio, acompanharam-nos. Falaram e perguntaram o que quiséram. No fim, o encontro para a partilha do que viram e ouviram. Surpresa! Metidos no seu meio, ocupados com os problemas pessoais, não tinham dado conta ainda da miséria à sua volta. O que os olhos viram e os ouvidos escutaram era a caixa de ressonância do mundo em que viviam, onde o mal e o bem assentaram arraiais. De mãos dadas, sem gritos nem espectáculo, ao jeito do fermento, aperceberam-se de que em seus corações havia capacidade de serem mais felizes —fazendo a felicidade dos Outros. Sorriam como, talvez, nunca o tivessem feito, ao olhar para o rosto dos mais pequenos, sentados a sorrir, também, ao lado de cada um.

Sim, no aniversário da Obra da Rua faz-nos bem regressar à Fonte. É um banho de Fé, Esperança e Caridade para os que, dia-a-dia, vivem na carne as alegrias da sua doação incurável ao Pobre, no garoto da rua, filho da prostituição ou do lar desfeito; no doente incurável para quem só o Amor é remédio; na família sem lar e, muitas vezes, sem pão, a quem se dá a certeza duma casa para viver; nos Pobres que buscam solução para alguns dos muitos problemas que os afligem.

O regresso à Fonte é, também, certeza para sacerdotes e leigos que, um dia, escutam da boca do Mestre o «lança-te ao largo», e perdem o medo de entrar no caminho da loucura que é simplesmente o arrojo de fazer o que outros não puderam ou não quiseram fazer.

Queremos viver neste ambiente a festa de anos da Obra da Rua.

Padre Manuel António



A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua — abriu as suas portas aos três primeiros garotos na primeira semana de Janeiro de 1940



Pai Américo na alma do pintor Henrique Medina

Aqui, Lisboa!

«Era em Junho de 1947. Eu até recordo o dia e também o lugar. Foi a 27, que naquele ano calhou ser o dia do Coração de Jesus. Eu passava e entrei casualmente na Basílica da Estrela. Quando saía, entrava Sua Eminência o Cardeal Cerejeira que disse ter necessidade de me falar... Sim senhor. Na tarde do mesmo dia apresentei-me. Falámos. Era a Casa do Gaiato de Lisboa.» (Pai Américo)

As primeiras palavras pretendem ser uma homenagem à figura do Senhor Cardeal Cerejeira, cujo centenário passou no pretérito dia 29 de Novembro. A ele se deve a existência desta Casa do Gaiato, cujo 40.º aniversário se comemora no próximo dia 4 de Janeiro. Como se reproduz acima, esta Casa é em virtude do seu zelo apostólico. Espoliada a Igreja, nos primórdios da República, da residência de Verão dos Patriarcas de Lisboa, foi Sua Eminência que a ofereceu a Pai Américo, para aqui instalar uma dependência da Obra da Rua, após ter adquirido o usufruto, que não a plena propriedade, das instalações que lhe pertenciam desde D. João V, o ofertante magnânimo. O seu a seu dono, diz o Povo, que a Justiça é virtude soberana.

Têm sido penosos os últimos anos. Com uma saúde debilitada, só a força de ânimo interior tem ajudado a vencer as dificuldades, com a comparticipação de um grupo reduzido de leigos, nomeadamente de senhoras devotadas ao serviço dos Rapazes. De resto, humanamente falando, se não fosse isso, já há muito teríamos sucumbido.

Ao escrevermos estas linhas, surgem-nos na mente todos os nossos antecessores, nomeadamente o sr. Padre Adriano, cujo sexto aniversário de falecimento passou no transacto dia 16 de Novembro e do sr. Padre José Maria, actualmente no Brasil. Isto sem esquecer as

Continua 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL — A equipa A teve mais um encontro, dia 11 de Dezembro, no nosso campo, com um grupo já conhecido: o Bairros.

Marcámos logo aos cinco minutos, desmoralizando o adversário. E por mais seis vezes repetimos a façanha. Eles só concretizaram uma vez. Por isso, a nossa equipa foi mais organizada. Resultado final: 7-1.

NATAL — Foi uma grande festa! A Ceia e, depois, a «Missa do Galo», o mais importante desta grande cerimónia à qual ninguém faltou.

Seguiu-se o momento esperado pelos mais novos: a distribuição das prendas. Foi bonito!

TIPOGRAFIA — É de crer que os últimos arranjos e mudança para a nova oficina da tipografia seja durante o mês de Janeiro. Esperamos bem que sim!

FUGAS — Três rapazes resolveram ir em passeio até à Régua: Nelson, Alcides e «Pudim». O primeiro já se encontra entre nós, com uma rapadelazinha — para que não volte a fugir. Os outros resolveram ir para junto dos familiares. Esperemos que tenham sorte na vida e um dia venham a ser alguém.

ESCOLAS — O primeiro período terminou com saldo positivo para todos os escolares. O segundo, está à porta. Deus permita seja melhor que o primeiro.

Lourenço

SETÚBAL

VISITANTES — Agora, neste tempo de aulas, poucas pessoas nos visitam. Os nossos rapazes precisam de carinho, aconchego.

As poucas visitas são de algumas pessoas que vêm oferecer roupas, brinquedos ou mantimentos, etc.

CATEQUESE — Já começámos a Catequese (uma vez por semana, à quarta-feira). Os nossos rapazes precisam de ouvir a Palavra de Deus na Catequese e, também, na Missa para, no futuro, constituírem uma família sólida, contrariando o que acontece actualmente: o constante desabar... de famílias!

NATAL — Ainda se festeja, até à festa dos Reis. Preparámos as celebrações também para as pessoas nossas vizinhas poderem, assim, viver melhor o Espírito de Natal.

Jorge Anjo

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — É o Natal de cada País e de cada um. Uma Festa! Da mesma origem, mas divergente na sua celebração.

Dentro da nossa Casa, à nossa maneira, fez-se o presépio, símbolo imaginário da terra do Menino Jesus e do Seu nascimento. Preparámos as refeições com requinte: broinhas feitas do nosso milho, filhoses das nossas abóboras meninas, mais os bolos.

Celebrámos a Palavra de Deus e a Eucaristia, na «Missa do Galo». A nossa pequena Capela ficou repleta de gente de vários sítios, alguns de longe; como os Pastores, vieram adorar o Menino.

AZEITE — Com um trabalho cuidadoso, ainda conseguimos aproveitar 88,5 litros de azeite!

Aproveitámos: nos Olivais da Mina, Novo, dos Poços; nos bataréus e dentro do recinto da Casa; no Poço Novo, na terra nova e terra dos grilos; no campo de futebol do Clube de Miranda do Corvo e no Ciclo.

MAGUSTOS — Houve três: O primeiro, já foi notícia; os outros dois, patrocinados por um grupo de jovens da paróquia de S. José, Coimbra, com o sr. D. Pelino, e pelo grupo da paróquia de Santa Cruz, de Coimbra.

Nos últimos fins-de-semana comemos boas castanhas!

Guido

Conferência de Paço de Sousa

• O lisboeta que veio aqui parar (no fim duma dolorosa peregrinação), agora feliz ocupante duma moradia do Património dos Pobres, foi vítima dum acidente e está hospitalizado.

Vale a pena acentuar o carinho de que tem sido alvo e de como permanece latente o sentido de fraternidade, na alma das gentes. Graças a Deus.

• Nos postos de distribuição de roupa, servíamos os mais pobres dos Pobres. Contudo, surge, agora, outra gente: pequenos rendeiros, jornaleiros, trabalhadores.

Não é estranha a razão das carências: — *Dêem algumas pecinhas de roupa à gente, q' o ano (agrícola) foi mau.* E foi. Como Deus quis, é verdade. Não falando, já, de alguns que labutam, no grande Porto, com pequenas jornas. Deduzidos transportes, alimentação, etc., pouco sobra...

Não pedimos roupa! Os Pobres são abastecidos pela que sobra na Casa do Gaiato.

• A O. V. A. R. — Obra Vicentina de Auxílio aos Reclusos — sediada na Rua Santa Catarina n.º 769, 4000 Porto, motiva-nos sempre, em épocas natalícias, para a sua acção específica: «Protecção às famílias dos reclusos, vítimas inocentes dos desvios dos seus chefes». Obra Especial da Sociedade de S. Vicente de Paulo com muita acuidade: os estabelecimentos prisionais estão a abarrotar. Por isso, «torna-se urgente proteger não só a mulher do recluso, mas também os filhos menores, criados em ambiente propício à sua iniciação como futuros delinquentes, muito cedo empurrados para a prática do crime. É a nossa longa experiência que no-lo ensina...» — sublinham os confrades, ocupados num «trabalho de remediado e prevenção». Dois factores importantes!

Demos a mão... a este grupo de cristãos, empenhados numa Obra oportuna. Não deixa de ser curioso referir que, naquele tempo, a Obra da Rua nasceu pela *tarimba* de Pai Américo como Pastor d'almas nas masmorras de Coimbra.

PARTILHA — Nas épocas festivas é sempre mais abonada. Os leitores não esquecem a Consoada dos Pobres!

O Sonnemberg trouxe uma nota, em discreto sobrescrito, entregue à porta da Igreja da Trindade, no Porto. «Uma portuense qualquer» presente com «a amizade de sempre». Remanescente de contas, da assinante 4298. «Avó de Sintra» manda um cheque para «a família que muito estimo, mesmo ignorando de quem se trata e a

quem sempre chamei a «Família do costume». Vale de correio, da assinante 27063. Dez mil escudos «para a Consoada dos Pobres, tentando minorar as carências que afligem tantos irmãos nossos». A contribuição habitual da assinante 31104, perorando: «Rezem por mim!» Levantemos todos a alma aos Céus! Assinante 33337, de Aqualva, repolhudo cheque e «que o meu coração saiba compreender e sentir tudo o que esta palavra Natal, de cinco letras, contém». Quanto ao mais, demos graças a Deus.

O costume, da assinante 19177, do Porto. 4.000\$00 da assinante 26471, «referentes aos meses de Novembro e

Dezembro. Mas, desta vez, acrescidos de 2.000\$00 para que a pessoa a quem são destinados, possa ter um Natal mais feliz». Vilares (Vila Franca das Naves), 600\$00 — «este mês vão mais 100\$00». Óbidos: «Uma migalhita; pouco, mas de boa vontade». O valor está na intenção!

Hermínia, de S. Pedro do Sul, 1.000\$00. Assinante 32603, de Coimbra, resto de contas — «e gostava de dar mais». Assinante 4395, de vez em quando, marca presença; agora, cheque de dez contos — «modesta contribuição». Aquele velho Amigo, da Rua Nossa Senhora de Fátima (Porto), envia um «pedacinho do 13.º mês». Fiães (Feira), cinco contos de

alguém que pede anonimato. Assinante 14584, dois mil escudos «para os irmãos pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É pouco..., mas é com todo o meu coração. Deus me aceite».

Cabeçudo (Cernache), mais um cheque «para o Natal dos Pobres». Os 20 rands de Umbilo (África do Sul). Por fim, utilíssimas remessas da Rua dos Bombeiros Portugueses (Faro), Rua D. António Barroso (Barcelos) e Rua Augusto José Ramos (Bombarral).

Retribuímos, a todos os nossos Amigos, votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Notas do tempo

1 Natal. O Senhor é Bom. É Pai. Envolve-nos de um carinho que quase nos dói por o não merecermos tamanho.

Ontem foi o dia de um encontro que vem sendo habitual no fecho de cada ano. Ele é «quadro» numa empresa. Um trabalhador que vive do seu ofício — um trabalhador cristão. Ganha bem, certamente, mas não se deixou iludir pela miragem da riqueza. Sabe-lhe o valor: o valor social. Sabe que dela lhe pertence apenas o que é necessário ao seu lar, ao nível da sua posição e cultura. Sabe-o com discernimento e usa-o com discreção. O resto não é dele, nem dos seus. E faz questão que os filhos, adolescentes, participem da sua sabedoria. Por isso aquela hora é de encontro com ele e com eles. Partilhar é um verbo de Vida naquele lar, um acto de comunidade.

Quando cheguei ainda eles não tinham regressado da Escola. Entrevivemo-nos em delicioso colóquio que teve por tema dois homens apaixonados por Cristo e apaixonantes: Paulo, perseguidor e Apóstolo, e Agostinho, pecador e Santo.

Não sei se alguma vez lhe disse do meu gosto, se ele adivinhou... Mas a conversa decorreu, tendo por fundo os Monges de Solesmes a cantar gregoriano. Uma consoladora!

Entretanto vieram os pequenos, alegres pelas boas novas dos resultados do período. O mais velho foi pelo cheque e entregou-mo. Um cheque grande, garantia de outros a outros, operantes da partilha familiar. Tudo muito simples, como quem não faz mais que o seu dever. E é verdade! Pena que não seja mais comum esta inteligência da Verdade a ditar comportamentos de Justiça! Como seria mais belo o Mundo, mais reinante a Paz!

2 Outra trabalhadora e braço forte na sua paróquia: Coimbra. É empregada de balcão na mesma loja onde no princípio do século o foi o jovem Américo de Aguiar. Então, o negócio era ferragens. Hoje, é mercearia.

Em bonito postal com este belo pensamento de Henry Bordeaux: «A

felicidade está em aceitar corajosamente a vida» — esta mensagem dela: «Não posso deixar de lhe dizer do meu desejo de que a força e a coragem se forjem no Menino que traz «metido» em si. Para toda a causa da Obra da Rua um Santo Natal de Cristo na história do Mundo — portanto, nossa».

Aqui nem o requinte do espírito se pode buscar numa formação universitária. A inteligência presente é claramente dom de Deus. Bendito seja Ele!

3 E que dizer das legendas companheiras de prendas de Natal que os distribuidores d'O GAIATO vêm trazendo e enchem o escritório?

Desde a delicadeza de quem «pede desculpa por um presente em especial ao Quim-Zé, o que é capaz de lhe ser aborrecido, mas não me leve a mal», até esta, também «em especial», mas universalizante na

intenção: «O Lito vem vender o jornal ao Banco. Nós gostamos muito dele. No Lito vemos o reflexo da vossa Obra. O que fazemos nele é como se fosse em todos os outros. Bem hajam».

Bem hajam, sim, todos os Amigos que nos adoçam a boca com os beijos que dão em nossos filhos. E que eles atinjam o fundamento da ternura de que são alvo e ela lhes seja estímulo para um comportamento cada vez melhor que a torne cada vez mais justa. Essa é a nossa preocupação e há-de ser também a de todos os que lhes querem muito, não só com o coração mas também com a inteligência. Por isso, equilíbrio nos dons e uma intenção de compromisso no progresso dos rapazes como é expressa nesta palavra simples ao Rogério: «Ofereço-te esta esferográfica. Vê se melhoras a caligrafia».

Padre Carlos

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS

Em recente crónica apelámos a gestores de empresas que ajudassem a montar a nossa sala de trabalho com diverso material de escritório: máquina de escrever, calculadora, estante, etc. Por isso, contactamos diariamente o nosso Lar do Gaiato do Porto — Rua D. João IV, 682 — se já teria aparecido algum material. A resposta tem sido: «Nada!»

Continuamos esperançados. Nas arrecadações dos nossos leitores talvez exista algo (usado) que possa ser útil.

Entretanto, para compensar o «nada», recebemos a primeira oferta destinada aos gaiatos com pouca capacidade financeira para suportarem os encargos da futura habitação. A primeira cidade a marcar presença foi Espinho, por intermédio de Maria Arminda: «1.000\$00 destinados à Cooperativa».

Vamos abrir uma conta especial para estes fundos que serão encaminhados, exclusivamente, para os referidos casos. A nossa Cooperativa funcionará com o objectivo de resolver não só os problemas dos casais com normal situação financeira, mas, também, dentro das nossas possibilidades, irá ao encontro daqueles cujo rendimento familiar não permita satisfazer a totalidade das exigências bancárias, a quando do respectivo empréstimo.

★ A Direcção da Cooperativa, também a da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, na impossibilidade de o fazerem individualmente, expressam, por intermédio d'O GAIATO, os melhores votos de Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades aos Padres da Rua, actuais e antigos gaiatos e a todos os Amigos da Obra da Rua.

Carlos Gonçalves

SETÚBAL

O mundo do inocente abandonado é, entre nós, muito mais vasto do que aquele que a opinião pública conhece.

Há muita criança abandonada e progenitores incapazes que fazem dela autênticos seres da idade da pedra.

Não têm sido muitos nem pesados os gestos de comunhão na amargura em que mergulho a minha vida à vista de tantas situações sem cobertura legal e sem remédio eficaz.

Cresce, sim, o número de casais estereis que nos demandam em busca de filhos para adoptar. Vêm de toda a parte. Das mais longínquas paragens, por carta, por telefone, pessoalmente, às vizinhanças mais próximas: «Se nos desse um menino, uma menina, dois ou três, a nossa vida ganharia outro sabor!...»

Como é agradável verificar esta febre abrasadora em corações ansiosos! Como é desiluzório o panorama!...

Tantas crianças sem pais, à deriva, condenadas ao atraso mental, psíquico e afectivo, à ignorância, à imaturidade, sem pais e sem família... E... tanta família sem filhos... — só porque a Lei é madrasta. É como o sequioso, lançando a boca em fontes abundantes, impedido de sorver a água corrente. Lembra as antigas mitologias ensinando com actualidade o percurso das gerações.

Um casal de trinta e cinco anos, estéril, andou atrás da progenitora de três crianças que arranquei, há cerca de dois anos, de um prostíbulo. Enfronhar-se em mundos destes é correr todos os riscos. Corrê-lo, porém, é realizar por amor o Reino de Deus!

A mulher encontrava-se grávida, o casal procurava o fruto do ventre dela para «enxertar» no seu coração! A partir dos sete meses, sustentou e pagou as dívidas sob a promessa e a esperança de ver sorrir o seu lar com o calor indescritível dum bebé.

Chegou o tempo. A menina nasceu, mas a nossa irmã envolveu-se em mistério como já tinha feito em gravidez anterior.

Hoje, uma criança vale muito dinheiro. Ela acusou-se, entre as suas amigas, de ter realizado milhares de contos com os seus filhos. Claro que o anterior fruto das suas

entranhas fora vendido e, este agora, é negociado a quem der mais.

É o mercado do homem!

— Repugna? — Aos princípios basilares do Direito escrito não parece causar aversão. O ventre é dono. É muito difícil e quase sempre impossível provar o mau trato social.

Vivemos na era da escravatura?

Muitos seres indefesos são mercadorias. Com uma diferença: as crianças, julgo eu, transitam, quase sempre, para famílias de libertação.

Denunciar estes casos à polícia? Para quê? A alguma autoridade

competente? Onde está ela? Tudo roda em morosidade, complicação e impotência. Tudo devia ser simples, claro e rápido e centrar-se, sempre, no próprio objectivo — a criança, nunca os progenitores.

Se houvesse vontade de atender bem estas realidades, deveria fazer-se uma investigação sobre a origem e a ascendência de todas as pessoas que povoam, hoje, as nossas cadeias, os hospitais psiquiátricos ou outros depósitos humanos, onde o homem fica entregue à sua desdita. Encontrar-se-ia, em percentagem elevada, a marca selvagem do mau trato social de

que foram vítimas em crianças.

Os habitantes dos nossos bairros de lata, incapazes de reagir contra a situação infra-humana a que estão sujeitos, denunciam, igualmente, os mesmos maus tratos em sucessivas ascendências.

Há um medo generalizado de enfrentar estas verdades e não se vê ninguém apostado nesta tarefa, atirando-se para cima do destino, aquilo que é somente resultado das omissões da sociedade e dos mais directos responsáveis — laicos e religiosos.

Vêm depois os elogios à Constituição, aos Direitos Humanos, à legislação de menores como se fosse a maior perfeição!... — Papel!... E tomam-se os nossos gritos como mensagens menos avisadas.

Não terá a Igreja gente capaz de pegar frontalmente e sem teorias esta tragédia humana?

Não será Ela, ainda, a Mãe!?

Contra a Lei do aborto ergueu-se em princípios. Honra lhe seja feita. Não pode, porém, ficar só em princípios. A sua força profética estoira. É necessário passar à acção, dentro das possibilidades, e Ela tem tantas como Jesus Cristo.

É raro o caso que nos bate à porta que não tenha atrás de si, ou pelos pais ou pelos avós, o ferrete aviltante que atirou a criança ou o rapaz para a vertente do abandono social. Se no tempo do Padre Américo não era tão evidente a solução deste problema, ela hoje torna-se clara, dada a abundância de lares estereis em busca de filhos e a prosperidade económica e social que se alterou.

Eu não advogo que se arranquem os filhos aos Pobres, longe disso!, por mais numerosas que sejam as famílias; mas, que se invada o sub-mundo marginal que detém nas suas garras os inocentes indefesos.

Padre Acílio

CORRESPONSABILIDADE

• Congresso dos Leigos

Historicamente, o Vaticano II não foi há muito tempo... para a cadência da Igreja, que procura acertar o passo ou acompanhar o vertiginoso ritmo da evolução do Mundo.

De Norte a Sul, há dioceses em Congresso. Leigos, presbíteros, religiosos(as) partilham, em comum, êxitos, fracassos, omissões; e descobrem pistas de renovação para um Mundo Melhor. Afinal, os homens, as comunidades vivas, são assim mesmo — a caminho da Pátria divina.

Na medida do possível, mergulhámos, como aprendizes, no Congresso de Leigos da Diocese do Porto, balizado nos seguintes objectivos gerais: «Que a Igreja Diocesana se conheça melhor a si mesma; para o aprofundamento do processo de renovação da Igreja Diocesana; esclarecer e aprofundar a figura do Leigo na dinâmica da renovação; sensibilizar todas as componentes — Bispos, Padres, Religiosos(as) — para os problemas postos pelo empenhamento dos Leigos na Igreja; promover em todos os Leigos a sua vitalidade espiritual e apostólica ao serviço da evangelização».

Todos os dias, o pavilhão do Académico (no Porto) era um mar de gente muito atenta ao desenrolar dos trabalhos, centrados em quatro temas gerais, desenvolvidos em sessões parcelares:

«— Os Leigos perante um mundo marcado por uma cultura laica — desafios e perspectivas».

A Família, parceiro social, numa sociedade em mudança; valores e contra-valores. Liturgia e identidade cristã. Leitura do anti-clericalismo entre nós. Os jovens e os trabalhadores cristãos numa sociedade

secular, pluralista. Secularização sim, secularismo não; desafios postos à evangelização. O papel do cristão e a solidariedade social da Igreja.

— Os Leigos e o compromisso cristão no mundo — desafios e perspectivas.

A Família, igreja doméstica, presença de Deus num mundo descrentizado. Da vida à liturgia e da liturgia à vida. A ciência e a técnica ao serviço do homem. Estilo de vida e exercício da profissão, forma e campo de testemunhar a fé. Compromisso temporal: vocação específica dos Leigos ao serviço da evangelização. O voluntariado como compromisso cristão ao serviço do homem.

— Os Leigos e os modelos de

inserção na Igreja numa época de participação: desafios e perspectivas.

A Família e o seu lugar na construção da Igreja. Linhas mestras para uma pastoral familiar diocesana. Ministérios e serviços litúrgicos. A ética e a vida. Partilha de vida como forma de participar na Igreja: comunidade e sinal. Modelos de exercitação da corresponsabilidade e participação dos leigos nas tarefas de evangelização. Obras e Movimentos da Igreja na área sócio-caritativa.

— Formação permanente dos Leigos numa época de mudança.

A Família e os seus valores essenciais numa sociedade em mudança. Necessidade duma formação permanente. Formação bíblica, espi-

ritual e litúrgica dos Leigos. A evangelização da cultura. Revisão de vida, modalidade e método de formação permanente. Saber estar onde se está: condição para uma eficaz evangelização nos dias de hoje. Que formação para os cristãos da área sócio-caritativa? »

Obviamente, a temática das sessões plenárias era desenvolvida nas parcelares. Ricas de vivência, partilha e tarimba dos intervenientes, sem distinção, do mais humilde operário ao conceituado intelectual — a Igreja de todos!

Por fim, não poderíamos deixar de acentuar alguns pontos, já que não temos a pretensão de fazer um trabalho exaustivo: O sentido da corresponsabilidade — título do apontamento — pois somos todos membros da Igreja, pelo Baptismo. A formação permanente. Os valores da Família. Conhecer e pôr em prática a doutrina social da Igreja. Como os últimos são os primeiros, a imperiosa necessidade de se cuidar dos mais carecidos, especialmente nas comunidades de base: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — na palavra/acção de Pai Américo. Cristo crucificado na pessoa dos Pobres não pode nem deve ser esquecido ou marginalizado comunitariamente, para que sejamos, de facto, a Igreja do Mandamento Novo. Aqui, veio ao de cima a actualidade do ser e do agir da Obra da Rua (doutras Obras sócio-caritativas); e o carisma de Pai Américo, invocado em pequenos grupos.

Não referimos, intencionalmente, as conclusões da praxe, gravadas na alma dos participantes. Importa fazê-las render, consoante os talentos, as vivências de cada um — em proveito do Mundo.

Júlio Mendes

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



RETALHOS DE VIDA

«Mário Gordo»

Chamo-me Mário Ferreira da Silva, conhecido por «Mário Gordo».

Tenho 16 anos. Vim para a Casa do Gaiato de Setúbal com 12 anos. Vivia com uma avó adoptiva que muito estimo. Criei-me desde um ano e meio. Precisei de fazer uma operação e pedi ao Padre Acílio para me aceitar. Foi no Verão.

Quando começaram as aulas fui para a escola. Andava na 3.ª classe. A minha avó mandava-me à escola, mas eu era malandro, não ia. Aqui, tive que andar. A professora pôs-me na rua várias vezes. Uma delas, ficou nas minhas recordações: O Padre Acílio castigou-me. Jurei para comigo nunca mais me portar mal. Agora, acabei o 2.º ano da Telescola. Sinto-me feliz por ir para o 7.º ano. Vejo a falta que o estudo me faz. Quero ser dentista, mas com letra grande. Ainda falta muito! Hei-de conseguir. Tenho esperança e força de vontade.

Mário Ferreira da Silva («Mário Gordo»)

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

senhoras, algumas já falecidas e outros colaboradores e, claro está, todos os nossos Amigos.

É nosso propósito falar nas igrejas de Lisboa, se as forças derem para tal, com duas grandes preocupações: a divulgação d'O GAIATO e o desafio às almas inquietas, que não sabem como dar sentido à vida, para virem mergulhar nesta aventura de entrega ao semelhante.

O «sonho» da Capela continua a sua caminhada. Para ele chamamos, de novo, a atenção dos Amigos da

Obra da Rua, espalhados pelo País e pelo estrangeiro. É trabalho de todos, por todos e para todos, mesmo que não crentes, que estes, em face das obras, não-de, ao menos, conceder-nos o benefício da dúvida, de acreditarem que é a Fé o sustentáculo da nossa acção.

No mês de Novembro tivemos 23 pedidos de admissão de Rapazes e ao longo do ano, até agora, já atingimos 156, isto é, mais do que a população existente. Como é hábito, aliás, todos os anos poderíamos abrir duas novas Casas do Gaiato equivalentes a esta, pois não há res-

postas para os problemas existentes, alguns dos quais de extrema penúria e necessidade.

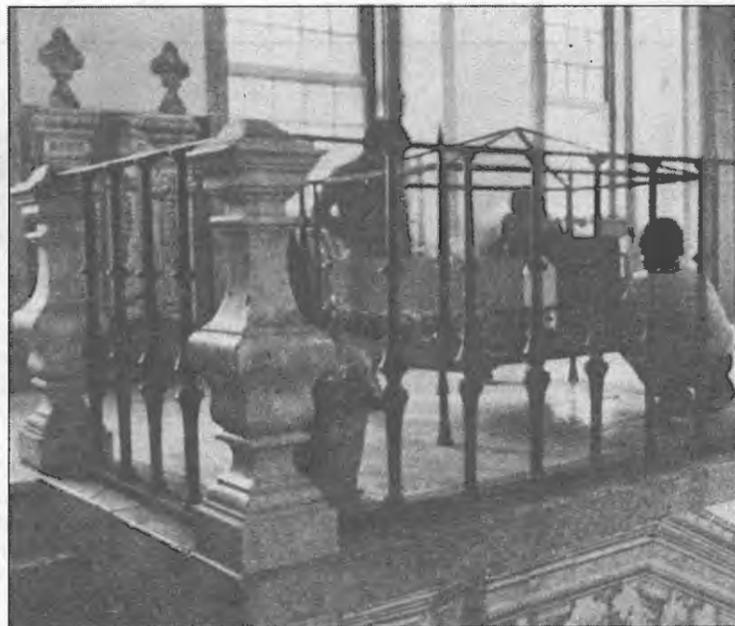
Assinante amigo, correspondendo ao nosso apelo e glosando a frase de Pai Américo «cada freguesia cuide dos seus Pobres», escreveu-nos a dar o seu contributo, acrescentando: «Cada comunidade deve cuidar dos seus gaiatos», expressão correcta, na medida em que cada Casa, embora pertença da mesma Obra, é economicamente independente. As nossas receitas, além das provenientes dos trabalhos próprios, oficinas e outros, residem essencialmente nos donativos que nos mandam, das assinaturas e livros pagos aqui ou nas nossas «dependências» de Lisboa, cujo endereço, relembramos no fim destas colunas.

Como todos sabem — e recordamo-lo uma vez mais — resolvemos acabar com a venda d'O GAIATO nas ruas de Lisboa e arredores. Isso traduziu-se, necessariamente, num certo decréscimo de receitas. Na base dessa decisão estão razões de grave monta, algumas tão delicadas, que nos repugna enunciá-las. Por isso, continuaremos a aconselhar as pessoas a fazerem-se assinantes e a enviarem as respectivas assinaturas para as Casas da zona onde vivem, no respeito pela liberdade e critério de cada um.

Continuamos abertos às visitas e ao aproveitamento dos espaços de que dispomos. Grupos ou movimentos eclesiais e outros, têm sempre o nosso coração aberto. Relativamente aos primeiros, quando dispusermos da Capela, as coisas estarão mais propícias; os segundos encontrarão também acolhimento desinteressado, como sucede, há dezenas de anos, com um núcleo de bancários. O mesmo não acontece, infelizmente, com certas presenças de escolares cujo comportamento deixa muito a desejar, por incontrolável, pelas suas acompanhantes, e ocasião de maus exemplos para aqueles que temos intra-muros. A verdade deve dizer-se, porque sendo nós a «porta aberta», não nos podemos esquecer que estamos numa Casa de educação de jovens, muitos deles marcados por graves traumas e carências. Para bom entendedor meia palavra basta, que dirigir um estabelecimento destes não é nada fácil.

Aguardamos ansiosamente a cedência do terreno indispensável para a construção da nossa casa de praia em S. Julião da Ericeira. Cabe a decisão à Marconi, onde temos amigos de primeira água. Isso, para lá da dinamização do processo da construção de casas para os nossos Rapazes, nos espaços já aqui referidos, de que dispomos na Espadinha, em S. Julião do Tojal. Supomos que a Câmara de Loures não nos deixará ficar mal nesta matéria.

Vamos continuar, até que Deus e os homens o permitam. Sonho sobre sonho, realidade ou frustração, tudo vai estar presente nesta luta sem



Há quarenta anos, o Cardeal Cerejeira ofereceu a residência de Verão dos Patriarcas — em Santo Antão do Tojal (Loures) — para o Pai Américo instalar a Casa do Gaiato de Lisboa.

quartel, até ao fim das nossas capacidades. Os que vierem depois poder-nos-ão considerar servos inúteis, que não ociosos.

Uma palavra final sobre as nossas preocupações com a formação moral e espiritual dos Rapazes. Esta é a nossa batalha crucial, nestes tempos dolorosos, em que o respeito pelos valores fundamentais está em causa e em que, pelas raízes em que assentam as razões da vinda dos nossos, tudo se torna difícil. Desistir, porém, deste essencial propósito, seria a demissão. Lutar e sofrer, porém, é o que nos cabe, que ajudar cada um a encon-

trar a própria consciência e fazer de cada Rapaz um Homem, não se coaduna com cobardias ou tergiversações.

P. S. — Na Secretaria do Montepio Geral, R. do Carmo, 62; no Franco Gravador, R. da Vitória, 40; na Maison Louvre, Rossio, 106; e no Lar, R. Ricardo Espírito Santo (à Estrela), 8 r/c — Telef. 666333, poderão os nossos Amigos entregar todas as ofertas para a Obra da Rua e, em particular, para esta Casa do Gaiato.

Padre Luiz

CALVÁRIO

☆ Algures, num país africano torturado pela fome, o Delegado dos Serviços Sociais ofereceu à nossa Aldeia do Gaiato, para as vacas e porcos, o recheio dum grande armazém — por impróprio para consumo. Fiquei pasmado e triste quando entrei: Toneladas de farinha e ervilha, papas de soja, sementes e feijão. Os serviços respectivos não tiveram capacidade para fazerem chegar os produtos à boca dos famintos. Ali jaziam inertes e quase apodrecidos... Carregámos, durante dias, e demos aos porcos e às vacas.

Também na grande Europa, onde se diz que há uma civilização, montes de coisas não atingem o fim e, muito menos, a boca do Pobre. Vejamos: Montes de roupa que ninguém quer; armazéns de brinquedos desarticulados com destino à fogueira e que custaram milhões; pão e fruta estragados; leite que sobra.

Dizem as estatísticas, e pelo que vi acredito, que 40 mil crianças morrem, diariamente, por fome ou inédua.

Também nos países evoluídos falta o poder de execução. Empapamos como ovelhas no lodo... Seria tão bom e bastava que as sobras e o produto das coisas inúteis chegassem à boca das crianças...

Escreveu alguém (e com razão): «São muitos os bens que partem para as bocas dos famintos; mas, no caminho, uns, apodrecem; outros, são comidos pelos poderosos; alguns, já perto das bocas, caem no chão».

Muitas associações estão pasmadas e são incapazes de distribuir as roupas que a sociedade lhes despeja.

«São os tempos»!..., dizem. Digamos, antes, a nossa incapacidade na canalização das coisas até aos carenciados.

Não falta a boa vontade em muitos para o bem. Vê-se em todos os Natais. Mas, não presta termos um rio se não somos capazes de o conduzir aos planaltos sequiosos.

Recordo (depois de ter visto, há três anos, armazéns de batata a apodrecer), a pergunta que fiz a um responsável: «Porque não ofereceram aos países que têm fome?» Respondeu que sim, tinham oferecido. Porém, esses países não tinham conseguido um barco para a transportar. Por incrível que pareça, nos seus portos, barcos e barcos descarregam armas quase todos os dias.

☆ Tive estes pensamentos quando, hoje, semana do Natal, fazia a cama do «Faneca»: lençóis, fralda enxuta, três cobertores e coberta! Sentei-me na cama feita e escrevi-os para ti. E continuei pensando no Natal feliz para tantas crianças! É maravilha indescritível a felicidade das crianças!

Em África conheço tantas famílias que já se sentem contentes quando conseguem ter uma refeição por dia!

Sombras negras neste céu azul!

Um ministério internacional que fosse capaz de conduzir, com eficiência, todas as sobras e supérfluos até à boca dos que têm fome...

Demasiado preocupados com a sua própria barriga — os países desenvolvidos...

E, é um facto, as nossas barrigas demasiado cheias, já nos estão castigando...

O clamor dos famintos está chegando a Deus!

Daremos contas ao Senhor pela nossa inércia.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

A semana foi cheia de encontros de Natal. Começou pelo almoço de domingo, em casa de família amiga. No fim do almoço, foi: — Leve para o Natal. Era festa naquela terra e na igreja o pároco entregou-me um sobrescrito «para os Pobres». Deixei-o no caminho onde encontrei necessidade dele.

Segunda-feira, de manhã, tomei a direcção de Aveiro à procura de bacalhau. Naquela seca, da Gafanha, o dono tem sempre uma caixa para oferecer. Regressei a Coimbra e, na fundição, fizeram oferta da encomenda que ali tínhamos feito, com um abraço muito amigo.

Ao chegar a Casa, encontrei a caixa do correio com muitos sobrescritos e um deles com cheque pesado.

No dia seguinte, dois meninos, do Bombaral: um, de oito; outro, de seis anos. Vieram pelo pároco e vicentinos. O pai, muito doente, «está à espera da chamada». A mãe, incapaz de criar sete filhos, com o mais velho deficiente. O de seis anos sofre de epilepsia e parece um nadinha atrasado mental, mas anda sempre de riso nos lábios.

Gostei muito dos dois vicentinos que trouxeram os meninos. Pareceram homens de coração e de alma.

Na ida a Leiria, levar os distribuidores d'O GAIATO, li na parede dum edifício: «Fábrica de Bolachas». No regresso, parei e entrei. Apeteceu-me comprar tudo o que estava em armazém, de encantador que tudo era. Só pude comprar seis caixas e não nos deram nada. Ali ainda não era Natal.

Voltei a armazém de familiar buscar uma

carrada de maçãs. Caixas delas muito lindas. Os olhos ficam sempre encantados. «Venha sempre que precise. Alguma coisa se há-de arranjar.» Vamos lá, muitas vezes, e vimos sempre carregados!

Recebemos um grupo muito grande de crianças de escolas de Coimbra. Todas trouxeram saquinhas com ofertas tão amorosas! Coisas muito boas que encheram vários caixotes. Caras sorridentes e beijos dados do coração. Grande tarde de Natal!

Muitas horas, desta semana, foram para as obras da casa do «Chola». Andamos a construir o primeiro piso. Temos de ajudar todos, pois ele não tem dinheiro. O «Chola», quando aparece, exclama sempre: — Já só quero ver a casa telhada e depois...! Volta ao seu trabalho.

A do Tonito tem o telhado. Agora, está à espera que a vão acabar. Depois, será habitada. Só depois... A nossa gratidão a todos os que têm ajudado.

Nesta semana, o correio vem mais carregado. Cartas, quase todas, com prendas de Natal. Aparecem mais Amigos. O sol ajuda a viver a alegria deste tempo.

Vejo diante de mim um grande bando de passarinhos procurando o seu pão nas ervitas em que se empoleiraram. Felizes com este sol de Natal!

Mais longe, os nossos cinco mais pequeninos. Com seus carritos transportam carradinhas de areia, no campo. Também felizes, a brincar ao sol deste Natal!

Que o Natal seja Sol para todos.

Padre Horácio



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898